



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC
CURSO DE PEDAGOGIA

SANDRA DE SOUSA SANTANA

**AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DE DOCENTES E
ALUNOS/AS DE SÉRIES INICIAIS**

CAMPINA GRANDE - PB

Novembro - 2011

SANDRA DE SOUSA SANTANA

**AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DE DOCENTES E
ALUNOS/AS DE SÉRIES INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito para integração curricular do curso de Pedagogia.

ORIENTADORA: Prof^ª. Ms. Francisca Pereira Salvino

CAMPINA GRANDE - PB

Novembro – 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S231a

Santana, Sandra de Sousa.

Agressividade e Violência Escolar na percepção de Docentes e Alunos/as de Séries iniciais [manuscrito]. / Sandra de Sousa Santana.– 2011. 31f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Francisca Pereira Salvino, Departamento de Educação”.

1. Violência escolar. 2. Agressividade. 3. Desenvolvimento moral. I. Título.

21. CDD 371.782

SANDRA DE SOUSA SANTANA

**AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DE DOCENTES E
ALUNOS/AS DE SÉRIES INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação CEDUC. Como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia.

Aprovada em 01/12/2011

BANCA EXAMINADORA

Francisca Pereira Salvino
Prof^ª. Ms. Francisca Pereira Salvino

Vagda e. c. Rocha
Prof^ª. Ms. Vagda Gutemberg Gonçalves da Rocha

Marta Lúcia de Souza Celino
Prof^ª. Ms. Marta Lúcia Souza Celino

DEDICATORIA

Dedico este trabalho a Deus, acima de tudo e por tudo. Pelos seus feitos em minha vida.

A minha família pelo incentivo e dedicação amorosa.

A todos que mesmo indiretamente torceram e contribuíram para esta importante conquista.

AGRADECIMENTOS

A direção da escola, campo da pesquisa e as professoras e alunos/as que foram importantes para realização da pesquisa.

À minha orientadora Francisca Pereira Salvino, por sua paciência, dedicação e carinho a mim dedicados ao longo deste trabalho. Sua orientação foi fundamental para encerrar dignamente parte da minha jornada. Muito obrigado.

As amigas, Síndia M^a Nanes, Ana Paula Nascimento e Patrícia M^a Andrade.

Aos professores e professoras do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela dedicação e profissionalismo durante esses anos.

As professoras que gentilmente aceitaram participar da banca.

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

(Jean Piaget)

RESUMO

Este trabalho foi realizado numa escola pública municipal da cidade de Campina Grande/PB, tendo como finalidade identificar e analisar quais são modalidades mais frequentes de agressividade e violências nas séries iniciais, como também o interesse e as estratégias utilizadas pelas docentes frente à agressividade no contexto escolar, mas especificamente na sala de aula. Os procedimentos metodológicos que dão suporte à pesquisa advêm da abordagem qualitativa, nos moldes do estudo de caso, o qual possibilitou adequada descrição e análise dos dados e informações obtidas através de observações e entrevistas realizadas com duas professoras e 36 alunos e alunas do quarto e quinto ano da referida escola. Para esta pesquisa, considera-se agressividade como sendo uma energia natural presente no ser humano que quando não trabalhada com limite, autocontrole e respeito às diferenças, pode desencadear atos agressivos capazes de machucar que vão da agressão moral e verbal à física. O resultado da pesquisa demonstra que os tipos/modalidades de agressividade mais frequentes são verbais e físicas. Os alunos do quinto ano reconhecem a forma verbal como sendo agressividade, enquanto os do quarto ano apenas reconhecem como agressividade as formas mais graves que é a física. A falta de um projeto voltado à prevenção e/ou redução dos casos de agressividade é um agravante para o aumento dos comportamentos agressivos/violentos que têm vitimado e criminalizados a tantas crianças e jovens do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Agressividade. Violência escolar. Alunos/alunas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 AGRESSIVIDADE, VIOLÊNCIA E DESENVOLVIMENTO MORAL	10
1.1A agressividade como energia natural do ser humano e como modalidade de violência	10
1.2Desenvolvimento da autonomia	11
1.3Fatores desencadeadores de comportamentos agressivos	13
1.4 Modalidades de agressividade e violência no âmbito da escola	17
2 DESCREVENDO E ANALISANDO OS RESULTADOS DA PESQUISA	20
2.1 A escola campo da pesquisa e os procedimentos metodológicos	20
2.2 Observações e relatos.....	21
3 AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DAS DOCENTES	23
3.1 O que revelam as professoras	21
3.2 O que revelam os/as alunos/as	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5 REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

A agressividade nas escolas não é novidade. Contudo, vem atingindo proporções cada vez mais graves que dificulta a convivência dentro da escola e da própria sala de aula, prejudicando o cumprimento das atividades, a disciplina, o bem estar dos estudantes, dos professores e demais funcionários, bem como causa desgaste físico e emocional. Por ser algo que afeta os envolvidos deve ser enfrentada com competência, diálogo e responsabilidade, sob pena de ocasionar maiores consequências à comunidade escolar e à sociedade.

A falta de estrutura familiar, o desemprego, a má distribuição de renda, a falta de limites dos mais jovens, dentre outros fatores, têm contribuído para o agravamento dos problemas sociais enfrentados pela nossa sociedade, dentre os quais a agressividade, a violência e a falta de segurança. A inversão de valores e a indefinição quanto à formação ética e moral, principalmente dos mais jovens, também tem acarretado muitos problemas sociais, que têm afetado especialmente aos mais jovens. Em 2011, segundo o Ministério da Justiça, a violência entre jovens na faixa etária de 15 anos aos 24 anos cresceu chegando a 39,7% e isso é alarmante.

No âmbito da escola, sabemos que há uma série de situações que facilitam ou dificultam o estabelecimento de relações saudáveis entre alunos e professores como a faixa etária, os métodos e os recursos didáticos, os espaços escolares, a capacitação dos educadores, as condições de trabalho, dentre outras.

As situações de agressividade por parte de estudantes e educadores têm ocupado os noticiários e os espaços de estudos e discussões das escolas. São frequentes os casos de intimidação de colegas, enfrentamento de professores e funcionários e a falta de tolerância. Tudo isto contradiz os propósitos essenciais da escola de educar e socializar, trazendo prejuízos individuais e coletivos além de instalar um clima de temor e distância entre aqueles que deveriam ser parceiros no processo educativo: professor e aluno.

Ações mais eficazes no sentido de inibir a agressividade e os distúrbios de comportamento, dependem de estudos, pesquisas e projetos educativos que primem pelo diálogo, compreensão, bom senso, respeito às diferenças e o ensinamento de valores humanos e sociais. A responsabilidade por uma formação sólida e baseada nos princípios de liberdade, respeito, solidariedade e amor, precisa ser assumida por

todos os segmentos escolares e, particularmente, por pais e educadores desde a mais tenra idade das crianças. No entanto, tal responsabilidade não deve se limitar às escolas, mas à sociedade como um todo, posto que a formação dos mais jovens deve ser assumida como prática social, política e cultural. A melhor forma de educar os jovens em valores humanos e sociais é dando-lhes exemplos e situações de vivência com base nesses valores e não apenas dizendo-lhes como deve ser.

As inquietações e preocupações com a questão motivaram a realização da presente pesquisa, tendo como objetivo analisar as situações de agressividade e/ou violências nas séries iniciais, consideradas a partir das experiências cotidianas em uma escola pública municipal da cidade de Campina Grande/PB. De forma mais específica pretende-se identificar as modalidades de agressividade mais comuns; perceber se professoras e alunos se reconhecem como agressores e/ou vítimas de agressividade/violência; identificar e analisar os procedimentos adotados pelas professoras no sentido de prevenir ou amenizar os efeitos da agressividade.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipalde Campina Grande/ PB, nas turmas de quarto e quinto anos do Ensino Fundamental. Os procedimentos metodológicos que dão suporte à pesquisa advêm da abordagem qualitativa, nos moldes do estudo de caso, o qual possibilitou adequada descrição e análise dos dados e informações obtidas através de observações e entrevistas realizadas com duas professoras e 36 alunos.

O trabalho está composto pelaintrodução, três capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo apresentamos o referencial teórico, conceituamos agressividade e violência e discorremos sobre as modalidades mais frequentes de agressividade/violência escolar. No segundocapítulo apresentamos a metodologia e o campo empírico da pesquisa e no terceiro capítulo apresentamos e analisamos os dados e informações da pesquisa com base na percepção de docentes e alunos/as sobre a temática em questão. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1 AGRESSIVIDADE, VIOLÊNCIA E DESENVOLVIMENTO MORAL

1.1 A agressividade como energia natural do ser humano e como modalidade de violência

Agressividade e violência são termos relacionados, contudo, referem-se a fenômenos diferentes que normalmente apresentam consequências distintas, o que ocasiona certa dificuldade de diferenciação entre os termos. Por essa razão, em princípio faremos uma revisão do que dizem os estudiosos sobre esta questão, de modo que possibilite uma melhor compreensão ou distinção entre os referidos termos.

Segundo Silva (2004, p.14), a agressividade “é uma energia natural do homem, que lhe proporciona o desenvolvimento de atividades, como por exemplo: trabalho, prática de esporte, estudos, dentre outras atividades necessárias para que a cultura seja mantida e enriquecida”. Neste sentido, o termo apresenta uma conotação positiva e fundamental à sobrevivência humana. Em outro sentido, Abreu (1998, p.133) define a agressividade como “a capacidade de uma pessoa provocar malefícios, ofensas, prejuízos e destruições morais ou materiais a outra ou a si mesma”. De forma similar, Pereira (2002) explica que é o conjunto de tendências que se concretizam em condutas que pretendem causar danos a outras pessoas, destruí-las, coagi-las, ou até mesmo humilhá-las. O indivíduo agressivo reage a tudo como se estivesse competindo, testando as suas capacidades mentais e físicas. A competição passa a ser parte da sua vida e, desde cedo, esse indivíduo esforça-se para não falhar jamais, pois, a crítica passa a ser entendida como ofensa. A agressividade pode se manifestar através de agressões verbais, físicas, emocionais, abuso e assédio moral ou sexual.

A violência, entendida como um desdobramento mais grave dos atos de agressividade, “acontece quando o indivíduo descarrega sua energia por meio de atos e atitudes baseados na fúria, desconsiderando normas ou regras sociais” (PEREIRA, 2002, p.46). A noção de violência afasta-se da de força, palavra que no dia-a-dia costuma estar presente quando se pensa em violência. Enquanto força indica, em termos filosóficos, a energia ou a firmeza de algo, a violência caracteriza-se pela ação devassa, impaciente e baseada na fúria, quando o indivíduo não se propõe ao diálogo ou procura fazer prevalecer a sua opinião, interesse e/ou vontade,

mas através da coerção, dominação ou sujeição do outro, obrigando-o a fazer o que não quer ou impedindo-o de fazer o que deseja.

Para esta pesquisa considera-se agressividade como uma energia natural, nata e necessária aos seres humanos, responsável por diversas atividades físicas do cotidiano humano, mas que pode gerar agressão ou violência quando suas necessidades, vontades, desejos não estão sendo satisfeitos, como também por outras razões provenientes dos meios sociais em que vivem, tais como: uso de drogas, trânsito, relações domésticas, maus tratos e outras. Nesse trabalho, o termo será empregado como uma modalidade mais leve de violência escolar.

Existem muitos fatores desencadeadores de condutas agressivas e violentas cometidas por crianças e jovens em diversos ambientes sociais, deste modo, a agressividade não será considerada como desvio de conduta, mas como algo gerado da interação da criança com o meio social no qual está inserida como ocorre nos casos de reação a uma agressão/violência sofrida. “A agressividade só deve ser tratada como um desvio de conduta quando ela se apresenta por um longo período de tempo e também se não estiverem ocorrendo fatores transitórios que possam estar causando os comportamentos agressivos” (SANCCHETTO, 2007).

Certamente, estes atos não estão presentes apenas nas escolas, no entanto, discutiremos sobre os comportamentos agressivos que ocorrem dentro do ambiente escolar, mais especificamente dentro da sala de aula, bem como descreveremos e analisaremos as posturas dos educadores que se deparam com essa problemática.

1.2 Desenvolvimento da autonomia

Considerando que a agressividade é um assunto bastante amplo e que podemos perceber suas raízes ainda na educação infantil, parece-nos conveniente discutir os tipos de moral conforme conceituadas por Piaget (*apud* SILVA, 2004, p.56) em sua teoria do desenvolvimento moral. De acordo com esta teoria existem duas morais que se opõem: a moral da heteronomia e de autonomia. A primeira é a da obediência e do dever, onde ser justo significa agir de acordo com as regras impostas pelos adultos. Já a moral da autonomia é guiada pela idéia de oposição às normas, onde ser justo não implica necessariamente seguir as regras impostas pela sociedade. Como afirma Kamii (1991, p.32)

A essência da autonomia é que as crianças se tornam capazes de tomar decisões por elas mesmas. Autonomia não é a mesma coisa que liberdade completa. Autonomia significa ser capaz de considerar os fatores relevantes para decidir qual deve ser o melhor caminho da ação. Não pode haver moralidade quando alguém considera somente o seu ponto de vista.

As duas morais: heterônoma e autônoma são resultados da relação que o indivíduo estabelece com o meio social, já que não há possibilidade de produção de comportamentos morais apenas a partir do indivíduo ou do meio social separadamente, ou seja, a construção de qualquer moral depende do contato que a pessoa estabelece com o meio em que vive na interação com a família, ou no cotidiano escolar.

Na escola existem as regras a exemplo do regimento escolar que, na maioria das vezes, são feitas pelos professores e conduzidas pelos mesmos e por eles também são trabalhados os conteúdos curriculares e, às vezes, outros temas relacionados à ética que o indivíduo deve buscar para se relacionar bem com todos à sua volta.

De acordo com Piaget (*apud* SILVA, 2004), as relações interpessoais, bem como o meio (escola), os conteúdos trabalhados e os métodos utilizados em sala de aula para trabalhar esses conteúdos levam a construção das morais heterônoma (coação) e autônoma (cooperação) na criança. Sendo assim, existem os alunos que têm uma determinada moral, outros que têm outra e alguns que ainda não construíram nem reconstruíram nem uma moral, o que se chama de anomia, ou seja, quando a criança age de alguma maneira por não ter noção das regras e ou valores sociais.

Em principio toda criança passa pela coação, onde ela aceita certo número de ordens dos adultos e a elas se submetem sob qualquer circunstância. Ser correto na coação é estar de acordo com as normas, o que consiste na moral heterônoma. Neste caso “a regra não é absolutamente uma realidade elaborada pela consciência, nem mesmo julgada pela consciência”. (SILVA, 2004, p.93). À margem desta moral está à moral da autonomia, que irá pouco a pouco substituindo a moral da heteronomia, tendo como fundamento a solidariedade, que acentua a autonomia da consciência, a intencionalidade nas ações e por consequência a responsabilidade individual.

Seguindo ainda a teoria Piagetiana, existem diferentes maneiras da criança se relacionar com as regras e os valores, inclusive pelo fato da mesma não ter

noção destes. Para silva (2004, p. 96), “tendo-os como parâmetro, poder-se-ia deduzir que tais condutas de indisciplina e de violência nas escolas podem decorrer do fato de os alunos terem lógica de funcionamento moral da anomia”. Dito de outra forma, se uma criança age de forma agressiva, ela poderá estar agindo desta forma pelo fato de não ter construído uma moral própria, assim ela transgredir as regras por não ter consciência das consequências de suas condutas agressivas e dos limites colocados pelos adultos, agindo de forma inconsciente. Sobre este aspecto Silva (2004, p.131) diz que

Não que eles ajam assim (agressivamente) propositadamente. Eles simplesmente não têm consciência desta incoerência. Assim, seriam indisciplinados e violentos porque desconhecem a utilidade das regras morais que servem para regular as relações entre as pessoas.

Nesse caso, a criança não tem noção de que seus atos possam causar danos a outrem, por isso, é necessário que o professor esteja atento ao desenvolvimento e às ações das crianças, tentando perceber que tipo de moral o aluno apresenta para melhor intervir diante de atos agressivos ou mesmo violentos. Sendo também necessário que o professor trabalhe o respeito às diferenças e aos valores em sala de aula, pois como afirma Serrano (2002), a tolerância não é algo nato e sim construído com a convivência com o outro, é fruto de aprendizagem artesanal que vamos realizando nas relações de convivência, que exigem de nós respeito e aceitação da diferença, abertura e compreensão de todo ser humano.

1.3 Fatores desencadeadores de comportamentos agressivos

Em alguns casos as crianças agem de maneira agressiva por não estarem com suas necessidades emocionais satisfeitas, sendo a agressão uma reação negativa pela insatisfação de necessidades como afeto, segurança, respeito, entre outras. Assim, essa criança terá uma forte tendência à agressividade. Se a criança não consegue encontrar segurança, afetividade e um modelo adulto com qualidade para se espelhar, será mais fácil, agir de forma destrutiva em casa, na rua, na escola, ou em qualquer outro ambiente, sempre que se sinta ameaçada.

Os atos agressivos podem ser, ainda, meios utilizados pela criança para chamar a atenção do adulto, para lhe pedir atenção e afeto. Para Britza e Claro

(2005, p.27) “quando essa segurança na ordem do afetivo não aparece, algumas crianças transformam-se em agitadoras, agressivas e outras adotam comportamentos próximos a inibição”. Atitudes agressivas em crianças que apresentam esse tipo de ausência em suas vidas são como avisos que a própria criança transmite para o adulto informando-lhe de que algo não vai bem com ela e que requer atenção. “A criança com comportamento agressivo pode estar passando por situações especiais sem o devido apoio.” (BRITZA e CLARO, 2005, p.28). Essa forma de comportar-se acontecerá independente de onde e com quem ela esteja, caso a mesma já venha passando por ausências emocionais. Na família a atitude dos adultos, principalmente dos pais, exerce forte influência no comportamento das crianças.

Há pais com tendência a tolerar e perdoar tudo sem dialogar com os filhos. Assim a criança cresce com falta de senso de responsabilidade e de valores, pois tudo lhe foi tolerado no período em que deveria ter aprendido a suportar as frustrações. Quando mais tarde lhe é exigido pela sociedade um determinado comportamento, a criança resiste, pois não está acostumado a cumprir normas e regras e reagem às exigências do meio com comportamentos agressivos.

Existe também o comportamento oposto ao mencionado. Há pais que exercem uma disciplina muito rígida sobre os seus filhos. A disciplina exagerada inibe a necessidade de independência que a criança possui e a criança poderá ter medo de tudo que represente autoridade, ou, o que é mais comum, um indivíduo revoltado que não aceitará normas nem conselhos de ninguém.

No ambiente escolar, a criança estará em contato com outras crianças e a professora terá que dar atenção igual para todos e ao mesmo tempo desenvolver atividades com elas. Mas, em alguns casos, é necessário se perguntar se os conteúdos trabalhados chamam a atenção das crianças e se tais conteúdos estão de acordo com a capacidade de desenvolvimento do alunado.

Nas escolas, muitas vezes, os conteúdos trabalhados em sala de aula não despertam a atenção dos alunos, uma vez que os mesmos percebem que os conteúdos não têm uma utilidade importante (objetiva) para sua vida. Além disso, alguns conteúdos vistos em sala de aula estão além da capacidade dos alunos. Quando esses conteúdos estão abaixo do nível de desenvolvimento do aluno, logo ele termina a atividade e fica entediado, sem objetivo aparente, pois já sabe o que foi ensinado pela professora e reage com indisciplina, desviando a atenção dos

colegas ou até agindo de maneira agressiva, pois não existe nenhum atrativo para ele, em relação ao conteúdo, dentro da sala de aula. Serrano (2002, p.73) afirma que “são necessários critérios de comportamento que permitam desenvolver o currículo de maneira que exista coerência harmônica entre os objetivos, os conteúdos e as atividades”.

Quando o conteúdo está além da capacidade do intelecto do aluno, existe a falta de atenção deste e a constante vontade de sair de sua cadeira. Nesse momento, o conteúdo não desperta interesse já que está distante de sua realidade intelectual. Com isso, o aluno se desliga naturalmente das aulas e perde o interesse (se houver) pelos demais conteúdos, ficando propenso a agir de forma indisciplinada ou violenta. As atitudes agressivas e violentas em sala de aula tendem a acontecer também em consequência desses dois casos.

Em algumas circunstâncias a escola não é percebida como um ambiente social capaz de proporcionar aos/as alunos/as uma educação relacionada às suas necessidades, ao seu cotidiano e aos seus objetivos para o futuro, assim, vão se perdendo os vínculos de interesse nas escolas e o desinteresse tende a acontecer dentro das salas de aula e muitas vezes são demonstrados por meio de atos agressivos. “A desvalorização do lado afetivo, faz com que registre um esmorecimento na relação entre aluno e escola” (SILVA, 2004, p.46).

Além de algumas ausências curriculares como conteúdos atitudinais relacionados ao respeito mútuo, a cooperação e a sociabilidade, o que também pode desenvolver ações agressivas nos alunos em sala de aula é o tipo de relacionamento entre educador e educando. A relação de respeito mútuo é importante para a construção de uma afetividade entre as partes e quanto à ausência de respeito entre alunos e professores, existirão maiores possibilidades para que aconteçam conflitos e atos agressivos. Mattos e Carvalhosa (2004) afirmam que, quanto aos professores, os alunos sujeitos e alvos de agressividade consideram que estes não os encorajam a expressar os seus pontos de vista, não os tratam com justiça, não os ajudam quando precisam e não se interessam por eles enquanto pessoas.

Esse modelo de professor como sendo autoritário, é alvo de discussão há muito tempo, contudo, por mais que se discuta a mudança é pouca. No entanto, existem educadores que trabalham os conteúdos por meio de diálogos e da participação dos alunos em discussões de temas variados, uma estratégia

importante para a construção moral do indivíduo. Devem ser explorados assuntos como respeito, solidariedade e outro de interesse dos alunos. Entretanto, ainda encontram-se educadores autoritários e indiferentes às crianças como meio de manter a disciplina. Assim, terminam por gerar indiferença por parte dos alunos que não percebem no professor um educador, mas alguém autoritário e insensível a eles e as suas necessidades pessoais e educacionais.

Um professor que não compreende e conversa com seus alunos e que não tenta trabalhar temas relacionados ao convívio social, apenas os afastará cada vez mais e suas aulas não despertarão o interesse dos alunos, que ficarão distraídos e de alguma forma indisciplinados ou agressivos. De acordo com a Lei n. 9.394/96(BRASIL, 1996, p.31)

A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências presentes nas interações sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente.

Sabe-se que na infância a criança está inclinada a mudança de comportamento, tendo o hábito de tomar para si o modelo do adulto com os quais convive, em especial com seus pais, mães e professores dos quais depende para lhe apoiar, orientar e ensinar. Segundo Antunez (2002, p.44), “toda ação global do adulto tem valor de exemplo e de modelo sendo de grande importância para a criança”. Com familiares e outras pessoas próximas a família, a criança interage em diferentes ambientes, podendo os mesmos ajudar em seu desenvolvimento físico, motor e psicológico ou simplesmente ser indiferente às suas necessidades básicas e “no meio dessa questão estão às crianças, que atuam conforme aquilo que observam e agem consoante os estímulos do meio. Meio esse que por vezes deve oferecer modelos de conduta e referências positivas”. (MATTOS e CARVALHOSA, 2004, p.89).

Na escola, esse adulto no qual a criança busca seu modelo e confiança é o professor, e muito depende dele para que a relação entre ambos possa ser proveitosa para o desenvolvimento afetivo e intelectual da criança, bem como para melhor orientar e interagir em casos de comportamento agressivo por parte dos alunos. Essa relação professor e aluno é de extrema importância, visto que ao se

relacionar bem com o educador o aluno passa a confiar nele e, quanto ao professor, fica mais fácil detectar as causas dos problemas em sala de aula e melhor intervir junto a criança.

1.4 Modalidades de agressividade e violência no âmbito da escola

A agressividade e a violência estão presentes nas salas de aula, das mais variadas maneiras. Os professores têm também a função de observar seus alunos e detectar quais são mais agressivos e através dessa comprovação passar a reagir pedagogicamente em relação a esses problemas, para isso é imprescindível fundamentos teóricos e, quando necessário, buscar apoio de outros pedagogos e psicólogos. Ribeiro Filho (2001, p.34) afirma que “de fato, a tarefa do educador é prevenir e intervir em situações de desvio ou risco em qualquer instituição mais debilitada da sociedade, de forma a criar mudanças qualitativas. Deverá exercer intencionalmente influências positivas nos indivíduos.”

A tarefa do educador é educar e intervir em casos de agressividade, evitando ser indiferente e descompromissado diante dos problemas que surgem durante o seu percurso docente. Uma vez que o professor percebe o problema e não busca apoio de outros profissionais (pedagogos, psicólogos, gestores) ou não tenta esclarecer aos pais dos seus alunos os acontecimentos ocorridos na sala de aula, fica mais difícil tratar esse problema, já que a agressividade e a violência são de responsabilidade de vários segmentos, sendo necessário a participação de todos para prevenir e/ou atenuar seus efeitos.

Geralmente os atos agressivos mais comuns acontecem dentro da sala de aula, os mais comuns são xingamentos, tapas, mordidas, chutes, gritos etc. Quando a autoestima está ferida a agressividade é manifestada, a tolerância é curta frente à frustração, assim a pessoa exprime uma reação de agressão, por não ter o resultado que se esperava. Isso nos faz questionar se é bom ou não ao sujeito exteriorizar a sua agressividade e em que isso afetaria o outro ser ou a situação. Com isso, os educadores são os responsáveis pela percepção e intervenção nesses atos, mas isso depende da sua busca por respostas para melhor intervir nesses casos e sua auto-avaliação, porque é através dessa avaliação e da autocrítica que o educador terá algumas respostas à cerca do que vem provocando tanta agressividade durante suas aulas, assim ele poderá direcionar ações para conter os problemas entre os

alunos. Segundo Abreu (1998, p.146), “a escola é um espaço cultural complexo constituído por redes de relações interpessoais de múltiplos protagonistas” e que engloba processos no sentido do desenvolvimento da personalidade dos alunos.

Entre as formas mais habituais de agressão na escola, destacam-se a agressão verbal e a agressão física, os alunos se desentendem e ficam trocando xingamentos e quando o professor não interfere, os alunos logo partem para a agressão física, o que acaba por envolver todos que estão em sala, já que estes não conseguem manter a concentração na aula devido o tumulto causado pelos alunos considerados agressivos. E isso, por sua vez, leva os professores a aplicarem punições ineficientes que é o caso do castigo físico, como pegar pelo braço com força e colocá-lo sentado, levá-lo à diretoria puxando-o pelo braço, humilhando-o verbalmente perante os outros alunos. Gritos e xingamentos elevam ainda mais a agressividade e a indisciplina.

Nas escolas as crianças ainda vivenciam outras formas de violência, que é o caso do abuso, do assédio, privações na hora da recreação e exclusão de atividades escolares. E a agressividade ainda surge como um método de disciplina, onde professores e funcionários chegam a recorrer a agressões físicas sobre os alunos, mas sobretudo utilizam uma agressividade simbólica, evidente no constante controle que detêm sobre os alunos, na prepotência, no desrespeito, na indiferença, na falta de privacidade e nos preconceitos que emitem. Santos (2004, p.168) explica que “a escola é, na generalidade, produtora de violência e de insucesso escolar” já que a escola não é capaz de responder às expectativas, motivações e projetos dos alunos.

Os abusos de poder por parte dos professores e funcionários seriam, geralmente, inconscientes e considerados “para o bem das crianças”, como abrir-lhe a pasta sem pedir autorização, ridicularizá-lo perante os colegas, castigá-lo, impedi-lo de ir ao WC, acusá-lo aos pais ou simplesmente ignorá-lo. Assim, os alunos criam estratégias para lidar com esse ambiente perturbador, repleto de medos, frustrações e ansiedades. Essas estratégias podem passar pela simples distração na sala de aula ou pela agressividade, já que eles se vêm num ambiente que consideram hostil e agressivo.

Percebemos como é importante a relação de respeito entre professor e aluno. Ela é fundamental para o estabelecimento de regras e limites e necessária para a construção do conhecimento da criança ou para proporcionar-lhe uma segurança afetiva ou emocional, o que a fará com que o aluno se sinta amado e

protegido. Como afirma Silva (2004, p.101), “saber impor limites é fundamental para refrear a agressividade. A falta deles provoca na criança a sensação de abandono e a ilusão de poder fazer e ter o que quiser”.

Muitos professores desconhecem a diferença básica entre agressividade e violência, o que possivelmente os tornam desentendido sobre os meios adequados para tratar dessas questões em sala de aula. Outros professores conhecem a diferença, porém, muitas vezes a indiferença sobre o caso se faz presente, ou suas estratégias são impróprias para intervir nos casos de agressividade.

2 DESCRIVENDO E ANALISANDO OS RESULTADOS DA PESQUISA

2.1 A escola campo da pesquisa e os procedimentos metodológicos

A pesquisa sobre agressividade escolar nas séries iniciais foi realizada numa escola da rede Municipal de Ensino, localizada no bairro da Palmeira na cidade de Campina Grande P/B, próxima a bairros periféricos que se constituem como sua clientela. A escola é de porte médio contando com seis salas de aula amplas e arejadas, sala de informática, sala de atendimento a crianças portadoras de necessidades especiais como síndrome de Down, paralisia cerebral, retardo mental, surdez, autismo. A mesma também dispõe de biblioteca, secretaria, sala dos professores, pátio e cozinha. Atende da educação infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental, conta com o apoio de uma equipe multidisciplinar (assistente social, psicólogo, supervisor).

A coleta de dados para a pesquisa aconteceu através de observações com registro em diário de campo e entrevistas. Os dados foram coletados, descritos e analisados conforme a abordagem qualitativa, nos moldes do estudo de caso. Para Martins (2004, p. 292)

É preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la. Se há uma característica que constitui a marcados métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita.

No primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico em livros, revistas e internet, assim como para o suporte teórico deste trabalho. Foram observadas aulas de duas professoras das séries iniciais da referida escola, sendo uma professora do quarto ano e outra do quinto ano. As observações aconteceram dentro da sala de aula e durante os intervalos. Além das observações foram realizadas entrevistas com as referidas professoras.

Para melhor esclarecimento das questões, as entrevistas foram realizadas na própria escola no mês de setembro do ano de 2011, quando cada professora foi entrevistada no final de seus expedientes. As professoras entrevistadas trabalham na escola há pouco mais de dois anos, ambas são graduadas em pedagogia e habilitadas em Educação Infantil.

2.2 Observações e relatos

Foram realizadas observações durante o período de fevereiro a setembro de 2011 nas turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental na referida escola. A turma do 4º ano é composta por 14 alunos, sendo 9 meninos e 5 meninas. A turma do 5º ano é composta por 22 alunos, sendo 12 meninos e dez meninas (eram 24, mais dois foram transferidos para outra escola a pedido da gestora).

Durante as mesmas percebemos que a maioria dos alunos do quarto ano são bastante inquietos, desatenciosos e agem com agressividade constantemente. Não obedecem às regras, não participam das aulas, não fazem as atividades e saem constantemente de sala de aula com pretexto de ir ao sanitário ou tomar água, mas na realidade ficam correndo pelo pátio. Na hora de merendar empurram os colegas, furam as filas, brigam uns com os outros, empurram, gritam, chutam.

Nas brincadeiras durante o intervalo os alunos discutem diariamente. Durante as observações realizadas não houve um dia em não tenha havido algum tipo de agressão física com empurrões, murros e/ou chutes, sem contar os xingamentos que foram inúmeros. O intervalo dura em média quarenta minutos, depois os alunos vão ao sanitário e em seguida ficam em frente às salas de aula aguardando a professora.

Após o intervalo as crianças retornam à atividade anterior ou, caso as tenha terminado, são encaminhadas pela professora para a biblioteca que funciona como sala de leitura onde outra professora os aguarda para contar-lhes histórias variadas. Há também atividades na sala de informática, capoeira e educação física (judô e tênis). Mesmo assim, em alguns momentos, os/as alunos/as agem com agressividade empurrando os/as colegas, batendo, gritando. Algumas crianças não são de agir agressivamente com frequência, mas acabam reagindo quando sofrem agressões. Como afirma Britza e Claro (2005, p.28) “quando uma delas machuca os

outros com frequência e reage violentamente às dificuldades é sinal de que a agressividade ultrapassou os limites”.

Às vezes cumprir os roteiros de aula fica difícil pelo fato das crianças não se concentrarem durante as tarefas, fazerem barulho, bagunça e tirarem a atenção uns dos outros. Com isso, os professores têm que ter muita habilidade para cumprir as atividades e fazer com que os alunos interajam. “É importante aproveitar momentos de concentração dos alunos para contar histórias e realizar atividades de grupo em que haja contato físico entre as crianças.” (BRITZA e CLARO, 2005, p.29).

3 AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DAS DOCENTES

3.1 O que revelam as professoras

Segundo o relato da professora do quarto ano, a turma tem quatro alunos bastante agressivos, outros que algumas vezes reagem através de agressões verbais e físicas aos colegas que os agrediram. A professora relata que eles também brigam entre si, mas na maioria das vezes ela interfere nas discussões e tenta resolver, explicando que eles devem tratar os colegas com respeito e quando não consegue resolver leva-os para a equipe multidisciplinar da escola. Geralmente a equipe conversa com os alunos e na maioria dos casos deixa-os sem recreação, fazendo atividades extras de leitura. Em outras circunstâncias, quando há reincidência, ativam o conselho tutelar e pedem para que o conselho faça visitas aos lares dessas crianças para conversar e aconselhar os pais e os/as alunos/as sobre tais comportamentos.

Durante as observações percebemos que os quatro alunos ditos agressivos pela professora, na maior parte do tempo, tentam desviar a atenção da turma que está procurando se concentrar nas mediações e explicações referentes às tarefas. Os quatro alunos tentam terminar rápido as atividades para poderem se juntar, pois eles se agrupam durante os intervalos, já que durante as aulas a professora os mantém afastados para amenizar os atos de agressividade. Pelo que se pode observar, o comportamento dos alunos coincide com a moral da heteronomia conforme definida por Piaget (*apud* LA TAILLE, 2003), a moral é guiada pela idéia de oposição às regras e normas impostas.

Dentre esses mesmos alunos dois estão sempre dispersos durante as explicações e já ficaram sem o horário de recreação muitas vezes por não terem terminado as atividades ou por causarem tumultos em sala de aula. Os outros dois, na maioria das vezes, terminam as atividades rapidamente para poderem recrear e quase sempre voltam com reclamações do vigia e dos outros funcionários que observam o intervalo. Os funcionários alegam que esses alunos sempre procuram agredir os colegas, atrapalham as brincadeiras dos outros alunos, xingam os colegas, batem e empurram os funcionários. Após o intervalo vão aos sanitários e deixam as torneiras abertas, jogam água no chão, dentre outros mal feitos. Camacho

(2001, p.11), em estudo no qual procurou investigar a relação entre os alunos, constata que

As agressões entre eles/as são cometidas principalmente nos intervalos entre as aulas, nos pátios, no recreio e nos corredores. Na sala de aula sua incidência é menor embora esteja presente de uma forma mascarada, isto é, disfarçada como uma brincadeira. Isto sugere uma relação entre o aumento de maus tratos e agressões a uma maior possibilidade de impunidade, pela não presença de professores.

A turma do quinto ano conta com vinte e quatro alunos. Dos quais quatro apresentam um comportamento altamente agressivo. São alunos que usam muito a agressão verbal contra seus colegas. Em alguns momentos foram observadas agressões gritos, chutes e empurrões contra a professora. E esta, por sua vez, reagiu gritando e, em alguns casos, levando-os à diretoria.

Os quatro alunos são evitados pelos/as colegas que reagem dessa forma por medo de serem agredidos/as. O referido quarteto se isola e apenas se aproxima dos colegas quando querem agredi-los verbal e fisicamente. Mesmo as duas crianças portadoras de necessidades especiais (Down e retardo mental) da turma, têm sido agredidas verbalmente.

Outros atos de agressividade foram observados na turma citada. Com frequência, durante o lanche e o intervalo agredem seus colegas verbal e fisicamente, tomam o lanche e jogam objetos uns nos outros, correm pelo pátio desobedecendo à professora que fica aos gritos mandando-os voltar à sala de aula. Durante as observações, um aluno foi espancado por não querer dividir o refrigerante (que foi jogado ao chão). O referido aluno reagiu revidando as agressões. A professora ao tentar separar foi agredida com chutes e tapas, tendo-os encaminhado à psicóloga que conversou com ambos, liberando um e retendo o outro que permaneceu sem recreação.

É importante ressaltar que mesmo com tantas situações de agressividade e violência, a escola não desenvolve nenhum projeto específico que possa prevenir ou minimizar tais problemas. As professoras ao serem questionadas sobre possíveis projetos responderam que infelizmente a escola não faz nenhum trabalho voltado à prevenção da agressividade ou da violência.

Quando questionadas se consideravam que a escola praticava atos de agressividade ou violência contra as crianças, a professora 1 disse que não,

enquanto a professora 2 falou que no momento que a escola é omissa diante dos casos de agressividade está cometendo atos de agressividade também. Na questão como a escola intervém diante dos casos de agressividade ou violência ambas disseram que os/as alunos/as são encaminhados para a equipe multidisciplinar que conversa e os libera em seguida, sem fazer um trabalho contínuo, só em alguns casos os pais são acionados. Constatamos que a escola, com essa falta de ações para prevenir ou reduzir a agressividade ou violência, foge do seu papel de socializadora e geradora de cidadania porque como Carvalho (2004, p.101) sugere o aprendizado de princípios e valores não se dá pela sua simples veiculação verbal. Ao contrário, sua transmissão e preservação dependem das práticas sociais. Nesse sentido, os jovens aprendem a serem pacíficos ou violentos na sociedade como um todo porque é nela que os valores éticos, morais, afetivos, religiosos e outros são construídos.

Foi pedido para que as professoras relatassem um fato em que houve comportamento agressivo ou violento por parte dos/das alunos/as. Elas não relataram nenhum acontecimento em especial, apenas relataram os fatos já referidos.

Percebemos que quando as professoras procuram os pais para juntamente com a equipe multidisciplinar da escola, conversar sobre os frequentes comportamentos agressivos das crianças e orientá-los quanto as necessidades de aproximação para poder perceber qualquer dificuldade que as crianças possam estar enfrentando, como também entender a maneira como os filhos/as agem e reagem a determinados estímulos do meio social em que estão inseridos, o assunto torna-se difícil devido a não aceitação por parte dos mesmos.

Assim, para que os pais possam ajudar seus filhos/as é necessário conhecer suas atitudes, estabelecer limites e admitir o problema ou problemas que estejam enfrentando ao invés de encobri-los ou fazer de conta que inexistem. Como afirma Vasconcelos (2002, p. 37), “a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão de valores e normas”. A omissão e a indiferença causarão maiores prejuízos às próprias crianças, cujos atos agressivos muitas vezes são formas de expressar algumas ausências afetivas e ou emocionais por parte dos pais, principais responsáveis para dar também educação, orientação e aplicar regras e limites aos filhos.

As professoras foram questionadas se consideravam seus alunos agressivos ou violentos, as duas responderam que alguns alunos tanto são agressivos como violentos devido a forma de agir com seus colegas. No quesito sobre o que consideravam agressividade ou violência, a professora 1 respondeu que agressividade é um momento de raiva devido a uma provocação e violência é uma forma de agir com brutalidade, sem pensar nas consequências. Já a professora 2 afirmou que agressividade são insultos e violência é quando ocorre agressão física. Segundo Bergue (1968, p.228) “a criança agressiva é a criança não devidamente socializada, que exerce sobre o meio uma ação hostil”.

As professoras afirmam que têm tentado a todo custo extinguir os comportamentos agressivos, baseando-se na maioria das vezes numa disciplina controladora, onde o aluno sofre punição pelas ações que comete. Entretanto, percebemos que tal atitude não tem conseguido alcançar os resultados esperados pelos profissionais de educação.

Constatamos a falta de interesse e informação por parte das professoras no que se refere a agressividade e violência, como também estratégias inadequadas ou a falta destas para minimizar estes atos durante as aulas. Percebemos a carência das professoras em relação ao apoio da própria escola, falta de interesse e compreensão de muitos pais pelas atitudes de seus filhos/as. Porém como afirma Feroso (1998), muitas vezes a raiz do problema não se centra na educação escolar, há famílias que participam diretamente na violência que ocorre nas escolas. Impotentes para lidarem com a violência dos seus filhos acusam professores/as de não ter domínio sobre as crianças, instigando a agressividade.

3.2 O que revelam os/as alunos/as

Os alunos do quarto ano quando questionados sobre o que era agressividade ou violência, alguns não responderam e outros disseram que é matar, bater, machucar, atropelar. Algumas crianças levaram em consideração a questão da violência no trânsito. Já os alunos/as do quinto ano responderam que é ameaça, discriminação, exploração, bater, matar, ferir, arengar, chatear, xingar. Para esses/as alunos/as a forma verbal já se constitui agressividade. Alguns alunos/as no decorrer da pesquisa relataram que só agrediram, quando se viram coagidos e tiveram que se defender.

Ao serem perguntados se os colegas são agressivos ou violentos, a turma do quarto ano respondeu que só alguns eram agressivos e a maioria não. No quinto ano a resposta foi que sim. A maioria dos/as alunos/as consideram os colegas agressivos e não se assumem enquanto tais. Isto revela uma dimensão do comportamento humano próprio das culturas ocidentais que é a demonização do outro. Como afirma Skliar (2002, p.09) “o outro é o mal: a explicação de todo conflito é a construção do outro como maléfico”, nesse caso, é preciso que a sociedade e a escola, em especial, trabalhe com os jovens o autoconhecimento, o reconhecimento da sua participação nos acontecimentos, porque é a partir da consciência dos fatos e das ações que se poderá empreender esforços no sentido da superação do problema.

Quando questionados se eles/as se consideravam agressivos ou violentos os alunos do quarto ano disseram que não. Dos alunos/as do quinto ano a maioria não se considera agressiva ou violenta, porém, alguns admitem serem agressivos/violentos com os colegas. A maior parte da turma do quinto ano na resposta à questão se já foram agredidos disseram que, de alguma forma já sofreram agressão, principalmente verbal. Os alunos do quarto ano responderam que não, pois não consideram xingamentos como agressão verbal. Para Costa e Vale (1998) essa agressividade se constitui como uma conduta que tem objetivo de magoar a outra pessoa, sendo ela verbal ou física. Ela traz conseqüências de intimidação e opressão como o *bullyng* e agressão emocional, marcas que permanecem na vida do indivíduo agredido.

Quando perguntado aos/as alunos/as do quarto e quinto anos se já haviam agredido ou praticado violência, a maioria respondeu que não. Um aluno respondeu que: “não, por que sou uma pessoa muito boa e não quero fazer mal para ninguém”. Mas teve alunos que disseram que sim. Um dos alunos falou que: “já agredi, pois meu colega chamava muitos palavrões comigo e não aguentei”. Como afirma Santos (2004, p.33) “quando a auto-estima está ferida, a agressividade é manifestada, a tolerância é curta diante da frustração; assim a pessoa exprime uma reação, por não ter o resultado que esperava do outro”. Observamos que esses/as alunos/as reagem com agressividade toda vez que se sentem ameaçados/as ou que são provocados/as, por isso eles/as não entendem que a sua reação é uma modalidade de agressividade.

Os alunos/as do quarto e quinto ano ao serem questionados sobre como a professora reage quando ocorre algum ato de agressividade ou violência apresentaram as seguintes respostas:

Separa a briga; encaminha para a diretoria; briga com os alunos e deixa sem recreio; a professora aparta a briga e depois bota de castigo; nunca reage; conversa e em seguida encaminha para direção; faz um encaminhamento e a diretora conversa se acontecer novamente é expulso; ela encaminha para a diretoria e, se não houver jeito, para o conselho tutelar; ela suspende; ela resolve conversando; ela manda para a direção e adverte; ela encaminha para a assistente social ou psicóloga.

Na maioria das vezes as estratégias e procedimentos utilizados pelas professoras e a escola são superficiais e insuficientes para diminuição da agressividade ou violência.

Percebemos que as professoras sentem dificuldades para resolver assuntos referentes a agressividade/violência e que as mesmas não contam com o apoio da escola, já que a instituição não conta com um projeto/trabalho voltado para diminuir a agressividade/violência escolar

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da agressividade não atinge apenas as escolas, mas qualquer ambiente social. Também os/as professores/as não são os únicos responsáveis pela educação das crianças, pois sozinhos/as pouco podem fazer para evitar o aumento deste problema, resolvê-lo ou amenizá-lo. Mas, são os professores/as parte fundamental do processo educativo, assim como as demais instituições sociais tem o seu papel.

A descrição e a análise com base nos dados coletados nas duas turmas através de observações e entrevistas possibilitaram concluir sobre a persistência dos atos agressivos cometidos por algumas crianças, durante o horário escolar. A agressividade/violência foi percebida com frequência em duas modalidades: verbais e físicas. Muitas vezes, estas são praticadas aleatória e inconscientemente pelas crianças para expressar que estão com problemas, que algo não as satisfaz, carências afetivas ou emocionais, seja em família ou na própria escola.

O/a professor/a que compreende sua missão ou que entende do assunto poderá perceber o problema no/a aluno/a e depois buscar, por meio de pesquisas, conhecimentos que fundamentam seu olhar, sua prática e postura profissional diante de quaisquer problemas encontrados ao longo de seu trabalho educativo.

Por parte da escola, há necessidade de ampliar os meios e metodologias pedagógicas bem como a cooperação entre profissionais como psicólogos, assistentes sociais ou supervisores. Percebe-se ainda a necessidade de desenvolvimento de estratégias que possam diminuir os conflitos constatados no cotidiano escolar como também a elaboração de uma proposta de intervenção com a finalidade de prevenir a agressividade e violência.

Um desafio à escola é o de cumprir através da imposição da família toda responsabilidade educadora, mais precisamente aos professores/as a tarefa de perceberem e resolverem conflitos gerados pelas crianças, como também suprir as necessidades emocionais e afetivas dos alunos no âmbito escolar.

É imprescindível que as instituições escolares repensem os desafios, busquem ações conjuntas, conscientes e planejadas que possam resultar de uma reavaliação constante das condutas e práticas, como maneira de perceber suas faltas e suas reais necessidades. As possíveis soluções não são restritas ao espaço

escolar, cabendo aos governantes elaborar e efetivar políticas sociais coerentes e sérias com base nas necessidades de toda população e não privilegiando os interesses de uma minoria elitista.

A escola real pode tornar-se pacífica e agradável. A tarefa é difícil e complexa, o caminho a percorrer é longo e as dificuldades são inúmeras. Essa tarefa tornar-se-á viável se cada parte considerar sua responsabilidade e comprometer-se com as mudanças. De fato, muito se escuta sobre a necessidade de mudança no Sistema Educacional brasileiro, mas poucos fazem ou tentam fazer a diferença.

A situação da agressividade e violência escolar nas séries iniciais mostrou-se óbvia. A mudança em algum momento poderá acontecer quando pensamentos tornarem-se reflexões e atitudes começarem a mudar construtivamente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M.V. **Cinco ensaios sobre a motivação**. Coimbra: Almeidina, 1998.
- ANTUNEZ, Serafim. Disciplina e Convivência na Instituição escolar. _____. **Orientação para a Intervenção Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- AZEVEDO, Sonia Carla Aroso. A violência nas escolas como resultado dos problemas da inadaptação social. _____. **O papel da família na educação**. Porto: Granada 2006.
- BERGE, André. **Como educar pais e filhos**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1968.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **LEI Nº 9.364, de dezembro de 1996**, Estabelece Diretrizes e bases para a educação infantil. Diário Oficial da Republica Federativa do Brasil: Brasília, 20 de dezembro de 1996.
- BRITZA, Lucita. CLARO, Priscila Del. **Aluno agressivo? Ele precisa de afetos e de limites**. *In*: Nova Escola, 184 ed. São Paulo: ABRIL, 2005, nº 185, p. 28-32.
- CAMACHO, L.M.Y. **A violência nas práticas escolares de adolescentes**. *In*: 24º Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. ANPED, GT Sociologia da Educação, 2001. Anais... Caxambu- MG. www.amped.or.br.2001
- CARVALHO (org.). José Sérgio. **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- COSTA, Maria E. & VALE, Dulce. **A violência nas escolas**. 1998. Disponível em <http://violenciaaescola.spaces.live.com/>Acesso em 17 de setembro 2011.
- FERMOSO, P. A. **A violência nas escolas como resultado dos problemas de inadaptação social**. Belbao: Universidade de Deusto. 1998.
- INKANDAR, Jamil Ibrahim. **Normas da ABNT**: comentadas para trabalhos científicos. 2 ed. Curitiba: Juruá, 2003.
- LA TAILLE, Yves. Prefácio. *In*: PIAGET, J. **A construção do real na criança**. 3º ed. São Paulo: Ática, 2003.
- MARTINS, Heloísa Helena de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *In*: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, maio/ago. 2004.
- MATOS, Margarida. CARVALHOSA, Susana F. **A violência na escola**: vítimas provocadores e outros. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 2004.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. 2002. Disponível em: <http://bisturi.refreshinteractive.net/>. Acesso em 14-setembro-2011.

RAMIREZ, F.C. **Condutas agressivas na idade escolar**. Lisboa: McGraw- Hill, 2001.

RIBEIRO FILHO, Jaime Castilho Ribeiro. **Vida, Como domar a agressividade infantil**. São Paulo: Ática, 2001.

SACCHETTO, Karen Kaufmann. Comportamento. **Agressividade Infantil**. 2007. Disponível em: <http://guiadobebe.uol.com.br> Acesso em 22-setembro-2011.

SANTOS, M.R. Violência(s) na escola. **Psycologia**. Porto Alegre 2004.

SERRANO, Gloria Pérez. **Educação em Valores**: como educar para a democracia. 2ed. Porto Alegre: Artmed. 2002.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, Indisciplina e Violência nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SKLIAR, Carlos. **Alteridade y Pedagogias**. Educ.Soc. vol.23 nº 79. Campinas agosto 2002.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico**: Sobre o Processo de Transformação da prática pedagógica. São Paulo: Libertad, 2002.

KAMIL, Constance. **A criança e o número**: implicação educacionalista da teoria de Piaget. São Paulo: Papyrus, 1991